

# de Sal a Sal



## para quem é boa a guerra?

Na sua secção «Rosas e... espinhos», o n.º de Outubro de 1938, da revista «Conservas» afirmava a propósito de Munich:

«Ao regressar de Munich, o primeiro ministro inglês não brandia a espada de capitão, mas sim o ramo de oliveira da Paz que, se se houvesse turbado, teria dado fim à civilização actual. O Homem austero, digno, bondoso, (é ainda a revista que fala) ganhou com o prémio Nobel indiscutível o carinho, a admiração e o respeito de todos aqueles cidadãos do mundo que teem sincera e ardente fé na supremacia do espírito.»

Depois de começar a Segunda Grande Guerra, a mesma revista, no seu n.º de Novembro de 1939 e na secção «Por esse mundo», dizia:

«A guerra é um formidável factor de propaganda das conservas de sardinha como alimento.»

## Nobel e Chamberlain

Neville Chamberlain já foi propósto para o prémio Nobel da paz. A ideia não germinou e foi pena. Foi pena porque era justíssima.

Há entre Neville Chamberlain e Nobel um parentesco flagrante. Nobel enriqueceu à custa do dinamite e fundou, entre outros, o prémio da paz. Chamberlain afadigou-se a lutar pela paz e enriqueceu com os negóciosinhos da Wykers-Armstrong, da Imperial Chemical Industries e da I. G. Farben.

## ele, a guerra e as «Novidades»

O sr. Cunha Leal acaba de publicar a sua guerra diária. Não são, ainda, as memórias, toda a longa guerra em que tem andado, para «benefício» deste povo português. E' tão somente o produto das suas insónias durante o recente período que vem de 1 de Setembro ao dia de Todos os Santos. Ensina-nos coisas interessantíssimas, num estilo de no-

velista perdido. Por exemplo, que o pacto germano-soviético é «obra demoníaca», que Chamberlain se encontra «nimbado duma auréola de religiosidade!»

Talvez por isto «Novidades» deu anúncio do livro numa larga notícia com o retrato do autor. De mãos dadas, ao rito escossês.

## bombardeamentos

Na perspectiva de bombardeamentos aéreos, um sacerdote católico holandês distribuiu recentemente para defesa eficaz dos seus fiéis as seguintes instruções:

1.º Se a tua consciência não está em ordem, vai-te confessar. Quando os aviões inimigos andam no ar, é demasiado tarde.

2.º Conserva a tua alma livre de pecado mortal, porque os raids aéreos intimam o aviso de Cristo: Estai sempre preparados!

3.º Recorda a doutrina da Igreja sobre a contrição perfeita. Não havendo oportunidade para a confissão, a perfeita contrição assegura o perdão de todos os pecados mortais. Aprende a simples fórmula de cor, para todas as eventualidades: «Meu Deus, amo-vos, porque sois infinitamente bom e perfeito. Arrependo-me de todos os meus pecados.»

4.º Tem sempre alguma água-benta e usa-a quando haja ataques aéreos. Este acto simbólico une-te com a Igreja na prece para que a água-benta proteja tudo aquilo em que toca.

5.º Recorda que a tua sorte está nas mãos de Deus. Pai amantíssimo celeste, que manda aos seus anjos que te defendam. Este pensamento dá força e serenidade e prepara-te para receber o que Deus quiser.

Resumo: não esquecer que morrer é destino de todos; o

quando não importa; o que importa é o como nas nossas relações com Deus.»

Aqui está um belo exemplo de defeza espiritual e cristã contra o materialismo pagão da força bruta desencadeada!

## três camaradas

Há pouco, publicava O Século, na primeira página, os rostos sorridentes e fraternais de três rapazes, três camaradas da marinha que juntos percorreram as ruas de Lisboa. Os mesmos interesses, as mesmas aspirações, a mesma curiosidade de estrangeiros de idêntica profissão certamente os uniam. Dois eram alemães e um inglês; mas, nos lábios, pelo abraço que os envolvia, depreendia-se bem não haver fronteiras espirituais entre eles.

E, O Século perguntava, angustiado, se esses três camaradas arrastados por acontecimentos tenebrosos e estranhos se teriam já encontrado frente a frente, no alto mar, as faces torcidas pelo ódio e tismadas pela pólvora... Ódio que aquela fotografia demonstra não ter razão de ser. Pólvora que não devia ter sentido entre amigos.

Realmente, não há nada de comum entre os interesses daqueles três camaradas e os «fins de guerra» do governo inglês e do governo alemão! Eles continuam a ter as mesmas razões para se abraçarem como irmãos; Chamberlain, por um lado, e Hitler, por outro, é que têm agora razões especiais para os lançarem numa guerra medonha de que nada lhes advirá—senão a mutilação ou a morte.

## ressurreição

A Sociedade das Nações voltou a funcionar. Julgavam-na morta, mas ela deu nova manifestação de vida. Mais: estamos certos que ainda hão-de fazer-se tentativas para lhe

restabelecer o antigo prestígio. E' que a gratidão não é uma palavra vã para certos senhores ingleses e franceses e os belos mandatos coloniais conferidos pela S. D. N. depois da Grande Guerra não são coisas que se esqueçam facilmente.

De resto, isso prova que, uma vez terminada a actual guerra, a S. D. N. pode ainda ter uma função útil... para os seus comanditários!...

## o sr. Norton de Matos...

Tem-se entretido ultimamente o sr. general a elogiar a colonização dos italianos na Líbia e a escrever «clarificações». E clarifica o sr. Norton de Matos: «De todos os males que afligem os homens, e talvez os outros animais, o maior é a falta de clareza, no significado físico e intelectual desta palavra». E nós a julgamos que *primo vivere*, sr. general! Iludiamonos. Saiba-se então: quanto àquelles indícios que costumamos tomar por falta de feno, há todas as possibilidades de ser carência de clareza... transcendente. E o remédio é um braço de clarificações idealistas na manjedoura.

Ai, daqui até à extrema unção, sr. general!...

## opiniões...

A actual guerra transtornou muitos espíritos, modificou muitas opiniões.

Uns acham que «herr» Hitler, lançando-se numa aventura, faltou à sua missão de *digue*, e perdem as esperanças no salvador. Outros, que haviam atacado a política dos srs. Chamberlain e Daladier quando foi assinado o acôrdo de Munich, delectam-se agora com um discursosinho de qualquer desses senhores que lhes tranquiliza o espírito para dormirem regaladamente. Outros ainda mostram orgulhosamente o seu germanofillismo.

Só muito poucos se apercebem que nesta guerra—nem uns nem outros; antes pelo contrário...

Solente

a revista cultural do pensamento jovem

Publica-se a 15 de cada mês

Mínimo de assinatura: 5 números, 5 escudos (pagamento adiantado)

Visado pela Comissão de Censura

Enviar toda a correspondência para: Courega de Lisboa, 38 - Coimbra

PORTO, 15 DE JANEIRO DE 1940

